

De Aliado da Ditadura a Arauto da Democracia: a Representação Midiática de José Sarney no Período Final da Transição Democrática¹

Gesner Duarte Pádua²

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

Este artigo analisa a construção da imagem de José Sarney pelas revistas *Veja* e *Manchete* na etapa final da transição do regime militar para a democracia, período em que ele concorre à vice-presidência da República na chapa de Tancredo Neves (1984) e, depois, quando assume como presidente interino (1985). Na defesa de um modelo de transição conservadora as duas revistas apoiam a candidatura de Tancredo e justificam a aliança com Sarney promovendo uma mudança na imagem do político, que de antigo aliado da ditadura passa a ser mostrado como legítimo representante da luta pela democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de imagem; José Sarney; Revista *Veja*; Revista *Manchete*; Transição democrática.

Introdução

No final da década de 1970 e começo da década de 1980 a vida política, econômica e social do Brasil sofreu uma profunda agitação, tendo como resultado uma das maiores mobilizações da sociedade civil já vistas em sua história: a luta pela redemocratização do país, que vivia sob o jugo dos militares desde o golpe de 1964. Nesse ambiente deflagra-se, através da união de políticos opositores e de amplos setores da sociedade civil, a campanha das Diretas Já, em 1984, exigindo eleição direta para presidente. Entretanto, a emenda Dante de Oliveira foi derrotada no Congresso Nacional (devido a manobras do governo e seu partido de apoio, o PDS). A frustração tomou conta dos brasileiros. O novo presidente só seria escolhido indiretamente em 1985 pelo Colégio Eleitoral, composto por deputados e senadores.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professor do Curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia..

Através de uma coalizão de partidos de oposição (PMDB, PDT, PTB), o ex-governador mineiro, Tancredo Neves, que defendia a conciliação entre a sociedade civil, os partidos de oposição e o governo militar, foi indicado como candidato à presidência em agosto de 1984. O PDS também se apressou para escolher seu candidato. Disputas internas e a apatia do presidente João Figueiredo em comandar o processo minavam a força do partido. Por fim, a indicação de Paulo Maluf causou um racha institucional. Importantes líderes governistas como Aureliano Chaves, Antônio Carlos Magalhães e José Sarney abandonaram o PDS, formaram a Frente Liberal e se uniram ao PMDB no movimento “Aliança Democrática”, que lançou Tancredo Neves como candidato, tendo Sarney como vice, o mesmo que poucos meses antes havia liderado a bancada do governo na derrota da emenda das Diretas.

A chapa oposicionista venceu as eleições, mas os sonhos de milhões de brasileiros, que viam em Tancredo uma espécie de “salvador da pátria”, se desmancharam no ar pouco tempo depois. Um dia antes da posse, em 14 de março de 1985, o presidente eleito foi internado às pressas em Brasília com uma misteriosa doença, identificada mais tarde como infecção generalizada. No dia seguinte Sarney tomou posse em seu lugar, interinamente. Transferido para São Paulo, Tancredo morre no dia 21 de abril (dia de Tiradentes, o grande herói da inconfidência mineira), depois de 38 dias de sofrimento. José Sarney, que durante 20 anos serviu aos interesses do regime militar, se torna, permanentemente, o primeiro presidente civil a governar o país desde 1964.

As duas maiores revistas semanais brasileiras do período, *Veja* e *Manchete*, apoiaram entusiasticamente a candidatura de Tancredo. Isso pode ser bem entendido se levarmos em consideração o conflito de forças políticas naquele momento. De um lado o governo e seu partido oficial, o PDS, representantes da direita. Do outro as oposições lideradas pelo PMDB, do qual Tancredo emerge como líder. Ele pertencia à ala moderada/conservadora do partido, que disputava a hegemonia interna com a ala “autêntica”, situada mais à esquerda do espectro político-ideológico.³ Também eram de

³ A situação do PMDB era peculiar: como foi, durante muito tempo, o único partido de oposição, a sigla aglutinou militantes de várias correntes ideológicas, um verdadeiro “saco de gatos” como se costumava dizer na época. Abrigava desde empresários conservadores e políticos dissidentes do PDS a moderados, sindicalistas, comunistas e ex-guerrilheiros. Isso levou a conflitos e a uma divisão interna, que se acentuou na segunda metade da década de 1970 com a formação de duas facções principais: os “autênticos”, liderados por Ulysses Guimarães, com orientação de centro-esquerda, mais combativos e próximos das demandas populares, e os “moderados” (alguns mais conservadores que propriamente moderados), capitaneados por Tancredo (KUCINSKI, 1982, p. 59). Para Thomas Skidmore (1988, p. 232), “Os *autênticos* defendiam uma postura agressiva, de protesto contra as ilegalidades e os atos arbitrários do governo militar. Os *moderados*, por outro lado, recomendavam uma linha de cautela, de modo a minimizar possíveis pretextos para novos abusos do poder. Os moderados consideravam os autênticos extremamente impetuosos e imaturos, cumprimento que estes devolviam tachando os moderados de oportunistas sem princípios.”

esquerda (e bem mais inflados) os outros dois importantes partidos oposicionistas: o PDT, de Leonel Brizola, e o PT, de Lula.

Cada um desses partidos e facções tentava conquistar o poder naquele complexo cenário da transição, o que causava um clima de instabilidade latente. Para os conservadores grupos Abril (editor da revista Veja) e Bloch (editor de Manchete), a forma conciliada- e conservadora- de transição para a democracia, defendida por Tancredo, minimizaria os conflitos políticos, a possibilidade de partidos de esquerda chegarem ao poder e, principalmente, afastaria o risco de sobressaltos e ruptura na ordem vigente, que garantia sempre às elites política e econômica o controle sobre o Estado⁴. Assim, nesse desejado ambiente de tranquilidade institucional, o presidente poderia realizar mudanças (comedidas) que levassem ao desenvolvimento da economia e a um regime mais aberto, favorável, portanto, à sobrevivência e expansão dos seus negócios no ramo editorial (PÁDUA, 2011).

É nesse contexto que as duas revistas passam a apoiar a aliança de Tancredo com os dissidentes do PDS. O problema, entretanto, era como justificar o apoio ao vice, Sarney, tendo em vista o seu nada honroso passado de apoio aos generais. As duas revistas resolvem esse problema promovendo, na enunciação, distorções, silenciamentos e a reconstrução da imagem do político maranhense e de seus principais aliados.

O perfil dos dissidentes

Antes de passarmos à análise da reconstrução da imagem de Sarney, comecemos esclarecendo alguns fatos.

A saída de boa parte da cúpula do PDS se deu por rivalidades internas em um partido com credibilidade já esgotada devido à vinculação de sua imagem, durante anos, ao autoritarismo do governo militar. A cada eleição o PDS perdia mais espaço no Congresso e nas assembleias estaduais e municipais. As inimizades em sua cúpula corroíam o que ainda

⁴ É grande o número de autores e trabalhos que em maior ou menor grau adotam a perspectiva crítica de que a transição liderada por Tancredo assumiu um caráter acentuadamente conservador, com menos mudanças que o esperado e tampouco mudanças “corajosas e irreversíveis” como ele havia prometido em campanha. Entre eles, Florestan Fernandes (1982; 1986; 2007), Michel Debrun (1983), Welder Goes (1985), Bernardo Kucinski (1982. 2001), Basilio Sallum Jr. (1996), Alfred Stepan (1986; 1988), Francisco Weffort (1984; 1987; 1988), Davi Maciel (2004). Para eles a retórica da conciliação nacional, que se impôs como discurso hegemônico naquele momento histórico, foi, na verdade, uma conciliação de elites (conservadores e moderados do PMDB, descontentes e dissidentes do PDS e a cúpula do regime militar). Foi uma “transição pelo alto”, nas palavras de Florestan Fernandes (2007), acertada nos bastidores e que deixou de fora das negociações as camadas mais populares (bem como suas entidades representativas), por medo de que posições mais “radicais” de esquerda prejudicassem o processo de transição.

restava de união: Figueiredo não simpatizava com o vice, Aureliano, que desconfiava de Mário Andreazza (Ministro do Interior e presidenciável), que não gostava de Antônio Carlos Magalhães, que, por sua vez, era inimigo de Paulo Maluf e todo o seu *staff*. Com a indicação de Maluf como candidato do partido à presidência começou a debandada dos descontentes.

A essa altura já havia um acordo entre Aureliano e Tancredo, costurado meses antes, sobre o apoio a um candidato de consenso. Caso o PDS indicasse Aureliano como candidato, Tancredo e o PMDB o apoiariam. Caso não fosse indicado, ele deixaria o seu partido e ingressaria no PMDB, levando consigo o apoio de boa parte do PDS (DIMENSTEIN et al., 1985, p. 77). A crise no partido do governo só veio concretizar o que se antevia caso Maluf avançasse sobre as estruturas do partido. Assim, com lugar garantido na promissora candidatura tancredista e o vislumbre da impopularidade de Maluf, os líderes pedessistas viram uma oportunidade de cortar laços com um regime que expirava, desvencilhar-se da imagem autoritária a qual estavam vinculados e garantir a sobrevivência ao lado de quem comandaria o cenário político em pouco tempo.

Sob a capa da Aliança Democrática, vestiram a camisa da conciliação. Os peemedebistas moderados e conservadores saíram em sua defesa, apresentando-os como novos convertidos à luta pela redemocratização. O combate ficou por conta dos “autênticos” como Ulysses, que relutaram em aceitar a aliança e muito menos tendo Sarney como vice.

Entre os que aderiram à “Aliança Democrática” e que melhoraram sua biografia com esse pulo para a oposição estavam, além de Sarney e Aureliano Chaves, vários políticos que ajudaram a sustentar o regime desde o início: Jorge Bornhausen, senador e ex-governador biônico de Santa Catarina, Marco Maciel, também senador e ex-governador biônico de Pernambuco e Antônio Carlos Magalhães, senador e governador biônico da Bahia. O historiador Welder Goes (1984, P. 118) pinta o retrato de alguns desses personagens naquele momento. Antônio Carlos Magalhães,

[...] Amigo dos generais, vassalo de seus governos, sempre exalou o cheiro do regime. Essa era sua imagem, ademais agravada pelo conhecido estilo absolutista com que tem marcado sua trajetória na política da Bahia. Pois subitamente a imagem de Antônio Carlos deflagra uma dimensão imprevista [ao atacar verbalmente, de forma violenta, o Ministro da Aeronáutica, Délio Jardim, que o havia chamado de traidor por ter deixado o PDS]. E foi assim que os embates da sucessão resgataram a imagem de Antônio Carlos, mudando sua biografia ao fazê-lo porta-voz de sentimentos que até há pouco o abjuravam.

Aureliano Chaves também já tinha percebido, antes de todos, ser mais vantajoso migrar para a oposição.

Foi um agente mais ativo do que os outros. Em parte por seu temperamento e em parte por cálculo político. O temperamento forte, afeito à indignação moral, cioso de estatura, recusava a vassalagem e propunha a dissidência. Aureliano não tinha alternativa, pois o regime não dá espaço a civis altivos. O cálculo político também recusava a vassalagem, porque lhe foi fácil perceber que o exercício omissivo das presidências interinas [durante períodos de viagem ou doença de Figueiredo] acabaria por triturá-lo no fogo que devora o regime (p. 121).

Marco Maciel seguiu a corrente, com os mesmos cálculos políticos, mas com temperamento mais ameno:

Essa aparência enganou os militares, que o tratavam corretamente. Com isso, ele pôde romper provocando o mínimo de iras e fixar-se na nova posição sem que o gesto de fazê-lo parecesse rebeldia. Não há caso de cálculo político mais nítido do que o de Maciel (p. 122).

Dessa forma, “Em uma série de casos, a sucessão aparece, assim, como um clarão que permitiu aos atores identificar novos lugares no palco.” (GOES, 1984, p. 122). A partir de então todos ganharam espaço constante nas páginas de *Veja* e *Manchete*, transformados repentinamente em defensores da causa democrática, em uma “metamorfose” semelhante a que foi produzida pelas duas revistas na imagem do presidente João Figueiredo (PÁDUA, 2012). No caso de *Veja*, quando estavam ao lado do regime eles foram alvo de críticas, porém, ao reforçarem o projeto moderado/conservador de Tancredo, o discurso mudou e a aliança passou a ser justificada como imprescindível na composição de um “centro forte”:

Num momento de dificuldades como agora, numa sociedade com problemas e divisões tão graves como a brasileira, *é essencial* para o equilíbrio político a existência de um centro forte e organizado. *Sem ele será impossível cogitar seriamente de estabilidade ou de qualquer projeto duradouro de democracia no Brasil.* Haverá apenas lutas entre os extremos e nesse tipo de conflito, como sempre o que menos importa são os interesses da maioria. (18/07/84, p.19, grifos meus).

Veja recorre, frequentemente, à ideia de um caos político, social e econômico iminente para defender a conciliação. O argumento do medo ganha força ao alertar também para os prejuízos que lutas e reivindicações mais incisivas da esquerda poderiam causar aos interesses da “maioria”. Vê-se a tentativa de fixação de um discurso hegemônico (LACLAU e MOUFFE, 1987), da universalização de interesses apresentando uma ideia

que, em nome do bem coletivo, deveria ser naturalmente e inquestionavelmente aceita por vários grupos, independente das suas diferenças (anuladas provisoriamente em nome de algo maior: “uma transição pacífica” para “a nova ordem que todos desejam”. 08/08/1984, p. 19).

O processo de construção discursiva em relação a Sarney é mais rico em detalhes e merece atenção especial. Primeiro, retomemos a análise de Goes (1984, p. 120) sobre o expedessista:

Seu perfil intelectual disfarçava a obediência ao regime e enquanto obedecia sentia-se humilhado pelo desprezo com que os militares o tratavam. Sempre pensou na desforra, alimentando secretamente a esperança de que o sistema político se abrisse e assim lhe reservasse um lugar no proscênio.

Como líder da Arena e do PDS, Sarney foi peça importante para a sustentação do regime. Não que comungasse do mesmo espírito autoritário que os militares imprimiram ao governo (em diversas ocasiões manifestou-se a favor, por exemplo, das liberdades individuais e coletivas e da modernização do PDS). Porém, conservador que é, optou pela subserviência ao governo que lhe ajudara, desde Castello Branco, a garantir o domínio político no Maranhão e um lugar de destaque na cúpula do poder federal.⁵

Isso lhe custou algumas tarefas nada nobres: entre outras coisas, trabalhou para esvaziar as propostas de Anistia vindas da oposição, ajudou a derrotar a emenda das Diretas e se mobilizou para fortalecer o PDS e evitar que a oposição vencesse as eleições presidenciais de 85 (antes, obviamente, da crise que provocou sua saída do partido).

O jornalista Alexandre Garcia, que foi assessor de imprensa de Figueiredo, com livre trânsito nos bastidores da política, relata um episódio que, se for autêntico, demonstra o quanto Sarney havia se apegado ao poder a ponto de querer preservá-lo por métodos ilegítimos. Segundo Garcia, o presidente lhe revelou uma conversa entre seu filho e Sarney, na época em que ele, Figueiredo, era muito criticado por não comandar a escolha do candidato pedessista à presidência. Diz Garcia (1990, p. 345):

O presidente Figueiredo me revelou o seguinte, sobre a saída de Sarney do PDS: "Tenho cartas do Sarney, pedindo-me para coordenar a sucessão dentro do PDS. Depois ele saiu, sem me avisar nada. A mim, que sempre o avisei de tudo. Na casa do Gazalle, em São Paulo, o Sarney disse a meu filho: 'O seu pai não deve permitir que a oposição ganhe a Presidência. O seu pai tem força para dar um golpe e permanecer no poder. Ele precisa fazer isso'."

⁵ Para uma biografia resumida de Sarney, conferir o 5º volume do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós 1930, organizado por Alzira Abreu et al. (Editora FGV, 2001).

Como já mencionei, o nome de Sarney provocava calafrios até em parte dos políticos do PMDB, que se recusavam a aceitá-lo como candidato a vice-presidente. Bresser Pereira, um intelectual moderado, do círculo de Tancredo, mas que em alguns momentos se situava mais à esquerda do partido, assim justificava em artigo na Folha de São Paulo a rejeição ao ex-presidente do PDS⁶:

Até a um mês atrás ele era, como presidente do PDS, o principal articulador da resistência ao restabelecimento das eleições diretas.

Durante todo o período ditatorial, o senador José Sarney colocou a sua inteligência e a sua competência política e jurídica a serviço do regime autoritário sem qualquer vacilação. E só rompeu com a cúpula do PDS quando, no episódio da prévia, viu-se pessoalmente traído pelo Presidente da República e indevidamente pressionado pelos malufistas. É compreensível, portanto, que, não obstante os méritos pessoais que o senador José Sarney sem dúvida possui, a grande maioria dos membros do PMDB não aceite sua indicação. (Folha, 31/07/84).

Sarney: passado e presente fundidos e confundidos no discurso de Veja e Manchete

A estratégia enunciativa de Veja para melhorar a imagem de Sarney não usava o tolo e óbvio recurso de simplesmente apagar o seu passado, dada a consistência dele. Era um pouco mais sofisticada. Em uma reportagem de capa (08/08/1984), a revista começa citando, superficialmente, a passagem de Sarney pelos governos militares, o fato de, como os outros dissidentes, ter percebido que teria melhores chances fora do PDS e a consciência que tinha da rejeição que causava à ala esquerda do PMDB. Porém, deixava claro que Sarney e seu grupo se diferenciavam do seu antigo partido, até porque, segundo a revista, “seria tolice confundir a Frente Liberal - ou sua parte mais expressiva - com o que hoje se denomina PDS.” (p. 20).

Assim, em vez de esconder o seu passado de colaboração com o regime, a revista tenta neutralizá-lo, amenizando-o e construindo, ao mesmo tempo, outra imagem exacerbadamente positiva.

Sarney é mostrado como um poeta sensível, idealista e até certo ponto ingênuo, que sonhava desde o começo em fazer do PDS um partido melhor. Mas que se desiluiu com “a vida real” (as limitações e o jogo de interesses internos) e, quando caiu em si, retomou o caminho certo (ou seja, aliou-se a Tancredo):

⁶ Assim como Ulysses Guimarães, ele também acabaria convencido por Tancredo, mais tarde, a aceitar a composição com Sarney.

Quando eu trabalhei na fundação do partido e quando comecei a trabalhar na sua presidência, pensava que poderia construir um grande partido moderno. Mas hoje vejo que aquilo não passava de um sonho de intelectual. Coisa de poeta. (Veja, 08/08/1984, p. 20).

Quanto ao período de torturas, Sarney diz que “Essas denúncias nunca chegavam ao Congresso, nós vivíamos isolados.” (Veja, 08/08/1984, p. 23).

Veja promovia o seu distanciamento do lado “feio” do regime ao caracterizá-lo como moderado, tolerante, sensível e competente:

Governou o Maranhão de 1965 a 1970 e mudou o curso da história do Estado com uma gestão modernizadora. Esteve na alta hierarquia da Arena e do PDS, mas jamais foi visto perto da tropa de choque do regime (08/08/1984, p. 22-23).

A revista também dizia que, quando veio o golpe de 64 e o exército começou a prender deputados em Brasília, Sarney se arriscou dirigindo à noite pelas ruas para levar dois colegas asilados até a embaixada da Iugoslávia. Foram “dias difíceis”, conta a revista, em narrações dramáticas: “No dia da edição do AI-5, em 1968, eu protestei [...] Achei que ia ser deposto e preso. Foi o dia mais difícil da minha vida.” (08/08/1984p. 23).

Há outros momentos emocionantes: para Veja, Sarney, o “político liberal que militava na esquerda da UDN⁷ em 1964, e governador carismático que financiava parte do filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha” (p. 23), ficou arrasado quando seu filho, deputado federal, votou a favor da emenda das Diretas Já.⁸ Um momento que seria perturbador e decisivo para o então presidente do PDS:

Quando os microfones [...] anunciaram o “sim” de José Sarney Filho, José Sarney pai tinha uma lágrima no rosto. Sua conta com o regime estava fechada. Nem ele tinha mais o que dar de bom grado, nem o regime parecia ter muito a lhe oferecer senão uma escolha entre Maluf e Andreazza. (08/08/1984, p. 23-24).

⁷ A União Democrática Nacional foi fundada em 1945 para fazer oposição a Getúlio Vargas e sua política intervencionista nos campos social e econômico. O partido não tinha uma orientação ideológica coesa, misturando teses autoritárias e conservadoras com liberais e progressistas. Após o golpe de 64, a UDN foi extinta e seus principais membros fundaram a Arena. Para uma visão panorâmica sobre a história do partido, conferir o 5º volume do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930 (op. cit.).

⁸ O filho de Sarney fazia parte da ala do PDS, da qual Aureliano era um dos líderes, que defendia eleições diretas para presidente em 1985. Aureliano e seu grupo acreditavam ter mais chances de vencer no pleito direto, caso fosse indicado pelo partido, pois era bastante popular junto à sociedade civil. Já no Colégio Eleitoral ele poderia sofrer resistência dos aliados de Maluf.

Além dos textos verbais, a revista usa outra construção, verbi-visual, para reforçar a ideia de um intelectual que se encontrava anacronicamente em uma situação que lhe causava sofrimento: o próprio PDS. Sarney é mostrado com o fardão da Academia Brasileira de Letras, transposto, portanto, do mundo da política para o mundo do lúdico. Acima, a legenda “O acadêmico: um poeta torturado” e abaixo o excerto de um de seus poemas: “de repente o tempo estava podre e tinha cheiro azedo de garapa”



(08/08/1984, p. 25), uma clara associação com o “apodrecimento” (conotação ética) do partido, causado pelo crescente domínio de Maluf, do qual ele finalmente havia, em um momento de tomada de consciência, se libertado.

Para legitimar a imagem positiva de Sarney, Veja abria espaço para a ratificação de seu nome à vice-presidência pelo também maranhense- e famoso- poeta Ferreira Goulart, evocado como voz de autoridade, pois, perseguido pelo regime, “amargou quase dez anos de clandestinidade e exílio por ter sido acusado de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro” (08/08/1984, p. 25). A fala do poeta, iniciada pela locução prepositiva “apesar de”, resume a imagem que Veja construía:

Ferreira Goulart [...] acha que Sarney é uma boa opção [...] “Apesar de sua ligação com o regime, não acho que jamais tenha apoiado a repressão e a perseguição aos seus opositores. Não apoiou o AI-5, por exemplo. E quando veio a abertura, logo posicionou-se a seu favor.” (p. 25)

É forte o empenho de Veja em pintar um retrato favorável do político. Diz a revista:

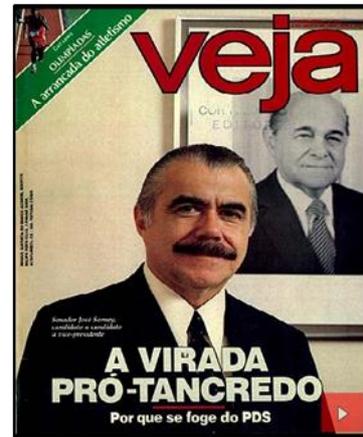
Hoje, para Sarney, a questão essencial do político brasileiro [note-se, mais uma vez, a prescrição generalizada de comportamento] “é conjurar o perigo da convulsão social e o risco do retrocesso”. Contra esses males ele vê o caminho da grande aliança e da conciliação (08/08/1984, p. 24).

A capa dessa edição dá a noção da proximidade que a revista produz entre Sarney e Tancredo e o ideal da conciliação (poderia haver exemplo maior que a união entre o ex-líder da situação e o líder a oposição?). A composição verbi-visual explora o tema da identidade e da afinidade.

As figuras se posicionam em um jogo de duplos, beirando o mimetismo⁹: a posição corporal, a expressão facial, a forma e a cor da roupa são praticamente as mesmas. A diferença de altura entre os dois, entretanto, dá a dimensão hierárquica entre eles. Cria-se também um sentido de “apadrinhamento”: Sarney posiciona-se sob os olhos e a proteção de Tancredo, mais velho, mais experiente e ocupando um lugar de poder mais elevado que o dele (Tancredo é o que já tem uma foto oficial pendurada em uma sala do funcionalismo público, rito destinado aos que já se consagraram nas mais altas instâncias representativas. A foto na parede, embora na condição de governador de Minas, faz alusão também à tradicional foto presidencial, um lugar que, sugere-se na composição da imagem, ele iria alcançar, tendo ao seu lado José Sarney).

Já Manchete, que nunca se prestou a apontar os males do regime, continuou, em relação à “Aliança Democrática” e seus membros, a adulação que se espera de quem sempre quis agradar tanto a situação quanto a oposição. Nela, Sarney também esteve, durante a campanha, sempre associado à imagem de Tancredo. As menções sobre sua passagem pelo regime são raríssimas e quando existem aparecem amenizadas. O que prevalece é o elogio fácil aos “pontos positivos” do seu passado e a supervalorização do presente de luta democrática ao lado de Tancredo.

Assim, para a revista, Sarney, passou à militância da causa democrática e se tornou responsável, junto com os líderes oposicionistas, pelo fim do autoritarismo e construção de um novo Brasil. Ele, Tancredo e Ulysses eles eram “Os três mosqueteiros da Nova República” (26/04/85, p. 74-75)



⁹ No Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2006), o sentido de “mimetismo” é bem apropriado para a mensagem que a revista queria transmitir: “[...] adaptação na qual um organismo possui características que o confundem com um indivíduo de outra espécie. [...] processo pelo qual um ser se ajusta a uma nova situação; adaptação.”



Com a doença de Tancredo, ele passou a ser, na imagem criada por Manchete, o escudeiro que levava adiante os ideais do herói momentaneamente impossibilitado. Era o seu legítimo representante. Por isso, a revista conclama: “Todo poder a Sarney” (20/04/85, p. 18-19), em uma foto de página dupla, na qual o vice aparece ajoelhado, beijando a imagem de cristo crucificado, durante uma missa na sexta-feira da paixão, em que se rezava pela recuperação de Tancredo.



Sarney é o humilde vice que se ajoelha para beijar os pés de Cristo. Naquela sexta-feira santa de 1985, Tancredo, assim como Jesus, também vivia seu martírio no hospital. O tema do sofrimento e a identificação entre o presidente e o salvador cristão é evidentemente evocado, assim como a reverência de Sarney a ambos. Sua humildade, compaixão, fidelidade a Tancredo e a fé em Deus o legitimariam a receber “todo o poder” delegado pela classe política que, segundo a revista “se mobiliza num apoio global ao presidente em exercício”. De acordo com Manchete, esse “passou a ser o lema entre os líderes políticos, desde os de extrema direita até os de esquerda [...]”.

Em outra reportagem, a revista caracterizava Sarney como responsável e íntegro, “modesto, mas digno estadista”, incansável no trabalho de condução do país e capaz de levar adiante o projeto de Tancredo (27/04/85, p. 12-14). Ele era “O herdeiro da Nova República”, “O aventureiro de sonhos” (04/05/85, p. 104-109).





Em uma chamada (imagem acima) a revista destaca aquilo que resume bem sua intenção (e também de Veja) ao desenhar um retrato com muitos retoques do ex-aliado da ditadura. Em uma chamativa tarja no topo da página sinalizava para que o seu público prestasse atenção na “outra imagem de José Sarney”.

Considerações finais

Na defesa de um modelo conservador de transição do regime militar para a democracia, as revistas Veja e Manchete apoiaram enfaticamente a candidatura de Tancredo Neves e José Sarney à presidência da República, em 1985. O passado nada honroso de Sarney, de apoio ao regime militar, suscitava críticas e rejeição de parte dos políticos opositoristas que sustentavam a candidatura e da opinião pública, que viam com ressalvas a união do líder peemedebista Tancredo com o ex-líder pedessista e seu grupo. Na tentativa de dar mais legitimidade a essa aliança, Veja e Manchete promoveram uma verdadeira reformulação na imagem de Sarney, que de cortesão da ditadura se transformou em convicto defensor da democracia.

A análise das estratégias enunciativas empregadas pelas duas revistas possibilita entender melhor os mecanismos de manipulação da informação em processos político-eleitorais que deixam evidente como o jornalismo, que deveria servir ao interesse público, tem sido usado na história do nosso país em prol dos interesses políticos e econômicos dos grandes grupos de mídia.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de (et al). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós 1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2ª ed., 2001.
- DEBRUN, Michel. **A conciliação e outras estratégias**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DICIONÁRIO HOUAISS**. Online. 2006.
- DIMENSTEIN, Gilberto (et al). **O complô que ele elegeu Tancredo**. Rio de Janeiro: Ed. JB, 1985.
- FERNANDES, Florestan. **Que tipo de república?** São Paulo: Globo, 2ª ed., 2007.
- _____. **Nova república?** São Paulo: Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. **A ditadura em questão**. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., 1982.
- GARCIA, Alexandre. **Nos bastidores da notícia**. São Paulo: Editora Globo, 1990, 3. ed.
- GOES, Welder. “A crise do regime e a sucessão de 1985”. In: GOES, Welder; CAMARGO, Aspasia. **O drama da sucessão e a crise do regime**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- KUCINSKI, Bernardo. **Abertura, a história de uma crise**. São Paulo: Debates, 1982.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI, 1987.
- MACIEL, Davi. **A argamassa da ordem: da ditadura militar a Nova República (1974-1985)**. São Paulo: Xamã, 2004.
- PÁDUA, Gesner Duarte. **O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves nas revistas Veja e Manchete (1982-1985)**. 2011. 252f. (Dissertação) Mestrado em Comunicação e Semiótica- PUC, São Paulo, 2011.
- _____. **A “metamorfose do militar”: a construção positiva da imagem do presidente João Figueiredo nas revistas Veja e Manchete**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, XVII., 2012. Ouro Preto. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012.
- PEREIRA, Bresser. **A vice presidência**. Folha de São Paulo, 31/07/1984.
- SALLUN JR., Basílio. **Labirintos: dos generais à Nova República**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- STEPAN, Alfred (org.). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. **Os militares: da abertura à nova república**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1986.

WEFFORT, Francisco. **A república que não de certo**. Folha de São Paulo, 31/12/1988, p. G-13.

_____. **O caráter da transição**. Folha de São Paulo, 26/06/1987, p. B-5.

_____. **Por que democracia?** São Paulo: Brasiliense, 1984.